

Maffesoli e a "investigação do sentido" – das identidades às identificações

Maffesoli and the "investigation of the sense"
From identities to identifications

Eduardo Portanova Barros¹
eduardoportanova@hotmail.com

Resumo

O trabalho de Michel Maffesoli procura observar o homem comum e, nele, a passagem de um modo de identidade (conotação ideológica) para uma forma de identificação (imaginal, conotação que interessa o imaginário). A identidade seria uma característica da modernidade, enquanto a identificação da pós-modernidade. Maffesoli trabalha com a teoria de uma sensibilidade pós-moderna que justifique mudanças na civilização. É um tipo de raciocínio, a exemplo de Nietzsche, prospectivo. De todos os teóricos de filiação pós-moderna, não seria exagero designá-lo como sendo o único que tent a incluir o imaginário, conforme a visão durandiana, na sua forma de pensar. É esta, aliás, precisamente, a peculiaridade do seu trabalho: a reflexão de uma nova "dinâmica social". Para ele, a diferença é clara. Se antes nós tínhamos uma relação de confiança contratual, um perfil delineado, uma profissão segura, um projeto de vida, hoje não. Agora, o perfil é mutante, a profissão (quase) não existe, o projeto é ocasional e o futuro incerto. O que vale é o presente (presenteísmo). O assunto da identidade merece uma reflexão longa por parte de Maffesoli. Este tema também é discutido por outros teóricos ligados aos Estudos Culturais, como Stuart Hall. Em pelo menos um ponto eles têm algo em comum. Ambos apostam na saturação da lógica clássica da identidade, e é este o tema do artigo abaixo, baseado em um seminário de Maffesoli em maio de 2006, na PUCRS.

Palavras-chave: imaginário, pós-modernidade, cotidiano.

Abstract

Michel Maffesoli's work tries to understand the common man without despising him as something insignificant if compared to the researcher of academic formation. For that inclination we can discuss a theme that, for him, has deserved several reflections: the passage from an identity way (ideological connotation) to an identification form (imaginal connotation, that concerns the imaginary). The identity would be a characteristic of the modernity, while the identification would be a characteristic of the post-modernity. Let us see why. Maffesoli works with the theory of a post-modern sensibility to see changes in the civilization. It is a prospective type of reasoning, like Nietzsche's. Of all the post-modern affiliation theorists, Maffesoli is the only one that tries to include the imaginary, under the durandiano view, in his form of thinking. And it is that, precisely, the peculiarity of his work, a reflection on the new "social dynamics". For him, the difference is clear. If we were able to have a delineated profile, a safe profession, a life project before, that no

¹ Jornalista, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGCOM-PUCRS) e bolsista do CNPQ-Brasil.

longer happens. Now, profiles are mutant, professions (almost) do not exist, projects are occasional and the future, uncertain. What is worth is the present (presenteism). The subject of the identity deserves a long reflection on the part of Maffesoli. This theme is also discussed by other theorists linked to the Cultural Studies, like Stuart Hall. Maffesoli argues, approaching Hall, and vice-versa, that a saturation of the classical logics of identity can happen.

Keywords: imaginary, post-modernity, quotidian.

A obra de Michel Maffesoli tem se destacado por tentar compreender o homem dito comum sem menosprezá-lo como algo insignificante se comparado ao pesquisador de formação acadêmica. E isso não é pouca coisa, principalmente pelo histórico de Maffesoli: professor da sisuda Sorbonne. Ele é autor de livros corajosos, questionando o que chama de moralismo judaico-cristão (de forte inspiração nietzschiana) da sociedade ocidental. O "ocidentalismo" como suporte identitário é o que está na base do pensamento maffesoliano. Existe um jeito ocidental de pensar? Qual? Por esse viés, poderemos discutir um tema que, para ele, tem merecido várias reflexões: a passagem de uma forma de *identidade* (conotação ideológica) a uma forma de *identificação* (conotação *imaginal*, que diz respeito ao imaginário). A identidade seria uma característica da modernidade, ao passo que a identificação da pós-modernidade. Vejamos por quê.

Maffesoli trabalha com a tese de uma *sensibilidade pós-moderna* para enxergar mudanças na civilização. É um tipo de raciocínio, a exemplo de Nietzsche, prospectivo. Talvez o que Maffesoli tenha dito do filósofo alemão – "era não-contemporâneo do seu tempo" – diga respeito a ele mesmo. De todos os teóricos de filiação pós-moderna, Maffesoli é o único que procura incluir o imaginário, sob a aba durandiana, na sua forma de pensar. E é esta, precisamente, a peculiaridade de sua obra, uma reflexão sobre a nova "dinâmica social" (título de sua tese de doutoramento em Letras e Ciências Humanas, defendida em junho de 1978 e orientada por Gilbert Durand): das identidades às identificações. Para ele, a diferença é clara. Se antes nós podíamos, seguramente, ter um perfil delineado, uma profissão segura, um projeto de vida, isso já não acontece mais. Agora, o perfil é mutante, a profissão (quase) não existe, o projeto é ocasional e o futuro, incerto. O que vale é o presente (presenteísmo).

A questão da identidade merece uma longa reflexão por parte de Maffesoli. Este tema também é discutido por teóricos filiados aos Estudos Culturais, como Stuart Hall. Para ele, Hall, as concepções de identidade se dividem em (a) sujeito do Iluminismo, (b) sujeito sociológico e (c) sujeito pós-moderno (Hall, 1999, p. 10). Hall apresenta a tese dos cinco descentramentos do sujeito moderno: a rejeição do mito do *homo economicus*; a lógica oriunda também do inconsciente; a autoria sem individualidade; o "poder disciplinar" foucaultiano, e, por fim, a abertura promovida pelo

feminismo. Sustenta a tese, ainda, com base nesses postulados, de que as culturas nacionais não são homogêneas: "Em vez de pensá-las como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um *dispositivo discursivo* que representa a diferença como unidade ou identidade" (Hall, 1999, p. 61-61). Maffesoli argumenta, aproximando-se de Hall, e vice-versa, que pode haver uma saturação nessa lógica clássica da identidade.

O que Maffesoli põe no lugar é uma *lógica da identificação*, sustentada pela tese da existência de um processo, um deslizamento da identidade rumo à identificação, sem que aquela desapareça para ceder lugar, totalmente, a esta. A possível substituição, porém, não é o ponto do argumento maffesoliano, e sim o de que estamos vivendo outra disposição (tanto em termos de vontade quanto de arranjo), e que isso pode ser uma das marcas da pós-modernidade. "O eu é apenas uma ilusão ou, antes, uma busca um pouco iniciática; não é nunca dado, definitivamente, mas conta-se progressivamente, sem que haja, para ser exato, unidade de suas diversas expressões" (Maffesoli, 1996, p. 303). O sujeito, para ele, cede lugar à pessoa. Uma pessoa que, conforme a raiz etimológica da palavra, veste máscaras ou apresenta diversas facetas que, apesar de distintas, são incorporadas por uma mesma individualidade.

Para Maffesoli, a pós-modernidade só pode ser compreendida se levarmos em conta aspectos pré-individuais, através do que ele chama de "investigação de sentido". E o que ele percebe é que a lógica do pensamento ocidental repousa na unidade, na separação e no longínquo. Unidade porque a polissemia do real estaria sendo reduzida a um único valor; longínquo porque a verdadeira vida estaria em outro lugar, e, finalmente, separação porque o ser humano estaria sendo desmembrado da natureza, isto é, nós seríamos uma coisa e a natureza, outra. Esta tríade estaria, segundo Maffesoli, na base do racionalismo europeu e, daí, passa a se capilarizar no corpo da sociedade. Teríamos, então, a partir desses três exemplos, um modo oficial de pensamento no Ocidente. Com isso, também, estaríamos reduzindo nossa capacidade de ver as coisas de maneira polissêmica, multilógica e complexa, sem dar espaço para as contradições próprias do ser humano.

Em seminário realizado na PUCRS, em maio de 2006², Maffesoli aprofundou o tema³. Maffesoli, voltando ao seminário, disse que, em relação à unidade, o monoteísmo culminaria na glo-

² Seminário sobre metodologia, epistemologia e pós-modernidade, que se intitulou Sociologia Compreensiva, Razão Sensível e Conhecimento Comum e que foi ministrado pelo Prof. Dr. Michel Maffesoli, de 8 a 11/5, na PUCRS, por iniciativa do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social.

³ Todas as citações de Maffesoli neste artigo – a partir de agora – são extraídas desse seminário: são frases oriundas da oralidade, da sua expressão verbal, e não de páginas impressas nos seus livros.

balização contemporânea, e, a partir desse monoteísmo estrutural, se chegaria à devastação do mundo e a uma pilhagem ecológica. Também a partir da destruição da multiplicidade e dos saberes, haveria uma lógica de destruição da biodiversidade. No caso do longínquo, tudo estaria em outro lugar, como a verdadeira vida. A Cidade de Deus é um por-vir. Viveríamos, então, em um "vale de lágrimas" (Santo Agostinho). Como haveria uma ressurreição da carne no além, esta vida, agora, teria, pois, pouca importância, segundo ele. Maffesoli lembra que Deus separou a luz das trevas, o que nos remete à separação. Ela seria, para Maffesoli, da ordem do que é original, e tudo declinaria dela. A natureza seria um objeto a ser explorado. Distingue-se, separa-se, corta-se. Essa concepção analítica se tornaria eficaz por causa da performatividade moderna que colocaria a natureza de um lado e a cultura, de outro, na opinião dele.

A totalidade da nossa maneira de pensar repousaria nestas três linhas, a separação, a explicação e a análise. Em latim, ensina Maffesoli, *explicare* significa "retirar e desfazer as dobras". Tudo seria plano e liso sob o olhar de Deus e da Razão. Aquela totalidade fundamentaria o desempenho da tradição ocidental. Hoje, porém, Maffesoli trabalha com a hipótese de que haja uma inversão desse processo, e é isso, na opinião dele, a sociologia compreensiva. "*Cum prender* é tomar aquilo que fora separado, mas, no caso do ensino universitário, permanece a lógica da separação. O desafio metodológico é ter capacidade de tomar os elementos da totalidade social", diz o sociólogo. Esta concepção "diarética" (Durand), aponta ele, é o *substancialismo*, o fato de passarmos do verbo "ser" no infinitivo (*être*, em francês, ao mesmo tempo "ser" e "estar") a um "ser" nominal, raciocina o autor de *Elogio da razão sensível* (1998). A nominalização do "ser" foi o fundamento da perspectiva ocidental, afirma Maffesoli.

E essa nominalização, Maffesoli continua, se dá quando se passa para *Dieu* (Deus). Porém, é próprio de uma individualidade físico-química o fato de ser plural. Para ele, significaria passar da individualidade ao indivíduo em um processo que vai, por sua vez, de um infinitivo para um nome. Mais um exemplo: comunidade passa a ser sociedade (substancialismo). A substância é auto-suficiente, como um sujeito que age sobre um objeto. O paradoxo é que o homem – mestre da natureza – caminha em direção à devastação dessa mesma natureza. O tédio leva do vazio da vida individual ao vazio da vida coletiva. "Podemos falar em *hétérotélie*. A idéia do controle leva ao seu contrário." O substancialismo tem essa dimensão perversa, na opinião do sociólogo. Ou seja, ao tentarmos ser outra coisa, acabamos nos tornando mais nada, observa Maffesoli, lembrando que assim é a idéia de simulacro de Baudrillard. Maffesoli valoriza a idéia de trajetividade: não mais o sujeito opinando sobre o objeto, mas antes um trajeto.

A separação colocaria de lado, segundo ele, a subjetividade. Ela, a separação, é o protótipo do cientificismo. Haveria um retorno, agora, da reversibilidade dos fenômenos, que Morin chamaria de complexidade (perspectiva sistêmica, ao contrário do esquema causativo). Maffesoli observa que a marca da cientificidade foi separar o pesquisador da sua subjetividade: "O que serviu de modelo científico já evoluiu, mas nós permanecemos naquele do

século XIX". A questão essencial entre explicação e compreensão, para ele, é de natureza semântica. "Quando não percebemos a finalidade de algo, ela é considerada insensata. Portanto, tento mostrar sentido sem que haja um sentido. Talvez seja essa a marca da pós-modernidade: um sentido sem sentido", arrisca-se. Maffesoli usa Gilbert Durand, que distingue os regimes diurno e noturno do imaginário. O procedimento explicativo, portanto, pertenceria ao regime diurno do imaginário, o da razão: a grande característica da tradição ocidental.

Durand observa como o regime diurno se expressa na literatura, na pintura, na escultura. "Eu diria que essa análise pode ser extrapolável a outras manifestações da vida cotidiana. Uma das figuras emblemáticas desse regime seria a espada, que separa o bem do mal. Outra figura seria o arado, que representaria o domínio sobre a terra", exemplifica Maffesoli. A terceira figura é o falo elevado, continua Maffesoli, dizendo que são todas imagens de objetos contundentes, que buscam, invadem e cortam. "Configura-se a explicação." E, do lado oposto, há o regime noturno do imaginário. A copa enfatiza menos o conteúdo do que o continente, afirma Maffesoli. "Para mim, a idéia de compreensão está ligada ao retorno do noturno na pós-modernidade. Todo o desenvolvimento tecnológico e interativo dá a idéia de concavidade e copa." Ele afirma que na história da arte a figura clássica apresenta ângulos retos; já no barroco, a ênfase é direcionada à organicidade das coisas. Em outros termos, o clássico é fálico, e o barroco, vaginal, para Maffesoli.

Muitas manifestações culturais podem ser qualificadas como barrocas, para Maffesoli. Ele diz que no livro *O fundo das aparências* (1996) quis dar, justamente, a idéia de côncavo, e não de fundo. *Creux*, em francês, remete a *creuser*, que é como um crisol. É a idéia matricial na imagem do continente. "Insisto em valorizar o continente e não o conteúdo. Os *reality shows* e a publicidade têm conteúdo zero, mas uma forma comunal." Maffesoli lembra que sempre se prevaleceu o cognitivo no século XIX, mas que, na perspectiva do continente (que também pode se chamar "razão sensível"), a ênfase é no "saber incorporado", ou seja: não passa, necessariamente, pela explicação ou verbalização. "É algo de um saber animal. É o *coup d'oeil*. É o fundamento da perspectiva compreensiva", ressalta o sociólogo. E, para dar o que Maffesoli chama de "dimensão aberta" à tese da sociologia compreensiva, recusa-se a usar o *conceito*, algo muito próximo de outra palavra que, para ele, também deveria ser superada, a *crítica*.

"Há uma inflação de conceitos. Em todos os domínios, parece ser um termo-chave, apesar de não dizer mais nada. Por quê? Porque conceito significa tudo aquilo que é fechado, e, portanto, é próprio dele isolar o objeto como um produto finito e acabado", diz. Em *O conhecimento comum* (2007), destaca ele, tenta-se usar o termo noção, que é o de uma "instrumentação congruente com o momento vital". Maffesoli acha que é preciso "encontrar noções menos verdadeiras possíveis". Assim, segundo Maffesoli, o conceito buscaria a verdade, mas a noção buscaria a semelhança. Ele costuma repetir a tese de que é preciso "olhar longe para trás para olhar longe para frente". Considera que no conceito haveria algo de, fundamentalmente, paranóico: "*Paranóia*, aliás, vem do grego, e significa um

pensamento que vem de cima (*haut penser*, em francês). Baudelaire, em um texto sobre a modernidade, se refere a Deus como o maior dos paranóicos, pois tem a visão de cima".

Maffesoli prefere um "pensar com": "*Metanóia*, um pensamento que acompanha a realidade, sem criá-la. Um procedimento, aliás, mais metafísico". Quanto à crítica, Maffesoli traz referência ao termo grego que lhe dá origem, *crinein*. Para ele, a atitude crítica é judicativa ou normativa: "Nietzsche na filosofia e Simmel na sociologia, por exemplo, consideravam aquilo que é e não o que deveria ser". Maffesoli refere-se, ainda, a Paul Feyerabend, um físico lógico, que, segundo ele, tira conseqüências da expressão "tudo vale", a fim de procurar não mais a superação do bem e do mal, e sim um processo de reversibilidade. "Aproveitando esse tema, é o que poderíamos chamar de "formismo" (a importância da forma). Quando falo da forma me apóio em Simmel. Falo de uma sociologia formista para chegarmos à intuição da sociologia compreensiva", diz Maffesoli. Para ele, a forma é formante, e há, nisso, o que considera uma "revolução metodológica".

Do mesmo modo, continua Maffesoli, o corpo social só pode existir porque há essa pele constituindo-o, que é da ordem da animalidade. "Isso também nos remete a húmus, humano e humildade. Nesse pensamento da forma, o trabalho analítico do intelectual ocupa um segundo plano em relação ao que é." A noção de forma, para ele, lembra a moldura de um quadro, cuja função é destacar a pintura e, portanto, o gênio do artista: "É algo que não existe enquanto tal, mas que faz destacar, que epifaniza. Essa era a proposta de Aristóteles ao fundar o método filosófico de pensamento: colocar belamente o problema". Também era, segundo Maffesoli, a idéia de Guy Debord, segundo o qual nossas idéias estariam dentro de todas as cabeças. O pensador cristaliza o que está na cabeça das outras pessoas. "Não sou eu que crio o que nomino, mas ressalto o que é destacado. Primeiro a existência e depois, a formação. Formismo é interação", afirma ele.

É a idéia de ação recíproca. Para Maffesoli, trata-se de um processo não de adição, mas de multiplicação, que estabelece uma sinergia entre o arcaico e o desenvolvimento tecnológico, remetendo à metáfora da tribo (arcaica) e da internet (tecnologia de ponta). Não se trata mais de um princípio de individualização, mas antes *relacional*, no sentido de um retorno ao ideal comunitário. Essa é a primeira conseqüência da forma, na opinião dele. Maffesoli traz a imagem da ponte e da porta. A porta é o que fecha. A ponte é o que liga. As coisas, assim, se apresentariam em duplo sentido, como se tudo fosse ligado e separado. Em *O tempo das tribos*, Maffesoli (1997) diz que há tanto inclusão quanto exclusão, atração e repulsão: "Isso não é racional, mas emocional. É uma questão de *feeling*. É uma questão de sentir ou não, que remete ao cheiro e ao sentimento. Para mim, é também uma pista de *razão sensível*; aquilo que se esboça na pós-modernidade". De acordo com o sociólogo, toda a metáfora da tribo está aí, ou seja, um princípio de relação baseado nos diversos tipos de gosto.

É na ordem dos afetos, e não mais do racionalismo contratual, que pensa Maffesoli. Ele faz questão de insistir em destacar os aspectos afetual e emocional do que chama de uma *ambiência* ou *dimensão climatológica*. "A idéia de emocionalidade nos leva

ao sentido de atmosfera, como na copa do mundo de futebol. Nela, o elemento essencial é uma atmosfera histórica, traduzida pelas expressões *mise en foule* e *mise en folle*". A idéia do relativismo costuma escandalizar, segundo Maffesoli. O fim do século XIX marca o triunfo da modernidade, com base, justamente, em valores universais. O relativismo, porém, é o contrário dessa perspectiva, e é, no entender de Maffesoli, uma das características da pós-modernidade. Ele argumenta que ao se colocar em relação, leva-se em conta o policulturalismo e a polissemia.

A reacentuação das formas, para Maffesoli, também leva ao relativismo. "Pôr em relação", na opinião dele, seria outra maneira de pensar o equilíbrio e a harmonia. Diferentemente do monoteísmo (estruturalmente fanático, diz ele), o politeísmo engendra outra forma de harmonia. "Penso que o esquema do relativismo devesse ser aplicado às sociedades atuais. Devemos levar a sério as aparências. É uma ação recíproca, que também poderia ser chamada de 'interacionismo simbólico' ou comunicação". Em outras palavras, Maffesoli diz que a comunicação pós-moderna é o retorno do simbólico pré-moderno. Eu só existo através e sob o olhar do outro. "Nietzsche e Simmel têm idéias seminais com força de pensamento instituinte, não aceito pelo instituído, mas que irão ressurgir décadas mais tarde. O anômico se torna canônico", afirma o sociólogo. Admirador de Nietzsche, Maffesoli afirma que o filósofo alemão deixou, pelo menos, três legados. Em primeiro lugar, a suspeita em relação ao sujeito e ao indivíduo; em segundo, a idéia de não-racionalidade, e, em terceiro, a da concepção trágica da existência.

Maffesoli confessa que foi Nietzsche que lhe permitiu pensar na idéia de "pessoa" e de "tribo", ou seja, na saturação do indivíduo e na emergência do tribalismo. Para Nietzsche, o não-racional não quer dizer irracional. O não-racional seria da ordem da paixão, da emoção e do afeto. Nietzsche, ainda, inspirou a distinção entre o drama e a tragédia. "Nosso modo de pensar é dramático, quer saibamos ou não. No drama, há uma ação que deve ser solucionada e uma concepção judaico-cristã, encontrada no marxismo", aponta Maffesoli. O instrumento é a dialética, observada, por Maffesoli, na educação, na política e na economia. O trágico, porém, é o que ele chamou de "instante eterno", pois "não se procura uma eternidade, mas sim o presente e o gozo": daí a idéia de Maffesoli segundo a qual o prazer teria, portanto, relação com o trágico, e a caracterização do Brasil como sendo um "laboratório da pós-modernidade".

Maffesoli diz que, para além de uma concepção progressista, destacam-se três arcaísmos na pós-modernidade: o retorno de Dioniso (dimensão hedonista da existência), a idéia de tribo (modo de estar-junto a partir do gosto compartilhado) e a de nomadismo (sedentarização da existência, retorno da animalidade, do bárbaro e do selvagem). Contra o grande esquema que marcou a modernidade, o "enraizamento dinâmico" é uma energia que se mantém no aqui e agora. "Observo uma concepção anarquista no espírito do tempo. Assim, o que orienta meu trabalho é a sociologia da vida cotidiana, e é aí que vejo uma grande mudança de episteme." Maffesoli refere-se ao fundamento do individualismo ocidental, baseado na idéia de "economia de salvação" (Santo

Agostinho). Para ele, toda a tradição cristã repousa nisso, algo que não encontramos em outras tradições, e que se acentuaria no século XVII e se aceleraria até se tornar o fundamento teórico da sociedade.

Freud – lembra Maffesoli – usa a expressão “infra-estrutura social”, e Descartes inventa o indivíduo filosófico: “Penso, logo existo na fortaleza da minha mente”. Fortaleza, continua Maffesoli, traduz a idéia de carapaça e fechamento psicológico. Maffesoli observa que Weber mostrou que pela invenção do indivíduo religioso haverá o desenvolvimento do capitalismo e que a “economia da salvação” será a economia *stricto sensu*, na qual irá se basear a sociedade moderna. “A invenção do sujeito político se dá através da ‘filosofia das luzes’ e da Revolução Francesa. E a invenção do sujeito jurídico se inicia no século XIX, cujo modelo é o Código Napoleônico”. Para Maffesoli, o indivíduo passa a ser um pivô a partir do qual se irá construir o contrato, e Foucault mostra como se inventa a “instituição social”. É esse o processo que está em jogo na pós-modernidade, de acordo com Maffesoli. Isto é, o fim de um mundo não é o fim “do” mundo. Estamos em meio a uma verdadeira mudança, que podemos dividir em três grandes pontos: saturação do indivíduo, do estado-nação e a de cunho epistemológico.

“Ao mesmo tempo em que se observa a saturação do indivíduo indivisível e uno, há uma emergência da pessoa (*persona* ou máscara). A pessoa, pois, tem várias máscaras a sua disposição”, afirma Maffesoli. Para ele, a pessoa é, estruturalmente, plural, não mais uma identidade, mas antes, pertencente ao universo das *identificações múltiplas*. Maffesoli lembra que a idéia de pluralidade do ser era considerada uma espécie de esquizofrenia (*esquizo*, rememora ele, significa corte). Vou me expressar, portanto, através de máscaras sucessivas. “Muda a concepção temporal. No individualismo, o que está em jogo é o futuro. Na pessoa, o que está em jogo é o instante eterno.” A consequência da pluralização é a multiplicação das grandes emoções compartilhadas, segundo ele. Os ritos piaculares, de choro, por exemplo, têm uma função agregativa que funciona como “cimento social”. Para Maffesoli, não se trata mais de pensarmos apenas no indivíduo racional, mas em termos de pessoas emocionais: “A mídia é o vetor dessa contaminação”.

A segunda virada, para Maffesoli, é a saturação do estado-nação e a emergência de uma entidade global. É preciso pensar, paradoxalmente, no império e na tribo. O império, diz ele, é como uma espécie de conjunto vazio matemático (Império Romano). “Trata-se de uma entidade vaga e vasta, sendo que, dentro dela, aparecem pequenas tribos variáveis. É isso a geopolítica em ges-

tação, na atualidade. Prevalência localista. Mcdonaldização do mundo. McDonald’s e feijoada.” A terceira e última saturação é de cunho epistemológico, como já se disse. Para Maffesoli, há um retorno do sensível, do corpo e da intensidade, de forma difusa. “É mais vivido do que pensado. É uma idéia de criatividade da existência. Noção de criação da vida como obra de arte e da estetização da vida social. Estética é o compartilhamento de emoções (quaisquer que sejam).” Logo, haveria, segundo ele, outro laço social em jogo. “A rebelião do imaginário é interna. Se há uma força interna contra uma sociedade racionalista, é pelo fato de haver uma (re)ligação com forças arcaicas e naturais, como em Da Vinci, um artesão-artista: e meu aporte é encontrar a terra fértil na vida cotidiana”.

Neste seminário, Maffesoli sintetizou os principais pontos de seu trabalho, cuja erudição é inegável. O que chama a atenção no pensamento maffesoliano é, justamente, este saber profundo em sintonia com a vida e o cotidiano, com o senso comum, com o homem banal, com a existência simples, mas, nem por isso, vazia de sentido e de vitalidade. Para sustentar essa idéia, Maffesoli foi buscar na sociologia compreensiva de Weber e na filosofia niilista de Nietzsche as noções que melhor se enquadram nos seus questionamentos sociológicos. Maffesoli não julga, o que é uma postura tipicamente pós-moderna. A crítica, como diz ele, é característica da modernidade, e, portanto, para ser coerente em relação ao tempo de que fala, não haveria espaço, nele, para qualquer tipo de julgamento. Coerência na pluralidade, aliás, é uma das principais características de Maffesoli, um erudito que não vira as costas para o cotidiano e que, mais do que isso, encontra, nesta forma de viver, relações de vizinhança que antes pareciam insignificantes no jogo social.

Referências

- HALL, S. 1999. *A identidade cultural na pós-modernidade*. DP&A, Rio de Janeiro, 102 p.
- MAFFESOLI, M. 1996. *No fundo das aparências*. Rio de Janeiro, Vozes, 350 p.
- MAFFESOLI, M. 1997. *O tempo das tribos*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 232 p.
- MAFFESOLI, M. 1998. *Elogio da razão sensível*. Rio de Janeiro, Vozes, 207 p.
- MAFFESOLI, M. 2007. *O conhecimento comum*. Porto Alegre, Sulina, 295 p.

Submetido em: 12/05/2008

Aceito em: 23/09/2008